

## Vizões de hoje

(J. A. Martins Junior—Recife, 1881)

O Brasil atravessa agora uma época de renascimento. É um digno despertar para o trabalho, uma esplêndida revivescência.

Não se comprehenda de minhas palavras que eu supponho este corajoso movimento, que ora aqui assistimos, identico ao que assombrou o mundo no XVI seculo; uma miniatura, um arremedo da Renascença, esse destumbrante emergir da arte grega na historia moderna. Não, não é esse o phenomeno que actualmente se observa em nossa sociedade.

Aqui não temos uma época de luxuosa floração artistica, que, depois de jazer esquecida por longos annos, rebentasse a offuscar os espiritos. Não, o que ha aqui é um renascimento de forças que convergem para um fim desconhecido das gerações passadas; o que ha aqui é uma nova orientação da mentalidade brasileira que se levanta mais cheia de vida, mais possante.

É o penetrar ousado da sociedade brasileira em pleno regimen scientifico. É o seu acordar aos reclamos do seculo depois de um periodo inglorio de quietismo e marasmo.

Os ultimos representantes do romantismo haviam uns morrido e os outros se haviam recolhido ao silencio, que é tambem uma morte para o escriptor, e de lá assistiam, ainda vivos, o julgamento que sobre suas obras traziam os novos chegados que já eram a sua posteridade.

Um vacuo, um silencio desolador, enorme se fizera então. Era que a geração passada depois do ultimo esforço cahira impotente, exausta, inanida ao pezo da propria incapacidade, sem luta, espontaneamente.

Cahira coma cai da arvore o fructo apodrecido, sem esforço extranho.

Depois da queda do romantismo é que foram apparecendo aos poucos os combatentes da idéa nova, preparados para a luta, dedicados ao trabalho, cheios de energia, mas sem um alvo determinado, sem uma systematisação commum de

idéas, anarchisados.

Engrossou, entretanto, o numero dos novos lutadores e hoje compõe-se de todos os moços da moderna geração que estudam, que esforçam-se, que trabalham.

Poucos ainda são os productos de valor que produziram. Ha porém, nelles uma tal profundidade de analyse, uma tal superioridade de vista, uma tal destoação do chavão commum, que estão a revelar uma cabal transformação mental em nesso pobre paiz, transformação que ha de arrancar o desse pouco nobre papel de reproductor tardio e inconsciente de idéas alheias.

As primeiras bases dessa transformação estão lançadas já. Acaso não sei-o não e seguros os trabalhos de Tobias Barreto de Menezes, do Dr. Pereira Barreto, de Sylvio Romero, e agora ultimamente o magnifico estudo sobre Camões do Sr. Miguel Lemos e muitos outros ainda que fastidioso sobre inutil seria enumerar?

Onde a moderna geração ainda não exhibio, porém, que eu saiba, uma obra de vulto foi no dominio d'arte.

Isso é facil explicar. O velho romance sentimental e phantasiista não tem mais razão de ser. Faz rir ou bocejar. O romance novo, analytico, physiologico, naturalista ainda não encontrou quem o escrevesse, porque a phase scientifica que o determina ainda não se accentuou bastante em nossa mentalidade, ainda não se substanciou com o sentimento geral da sociedade de forma a dar á emoção esthetica a orientação moderna da arte. O mesmo se pode dizer em relação a poesia apesar dos inumeros tentamens que tem ap-

parecido, mas todos de moços, em sua maioria simples estudantes, que ainda não tem nem podiam ter uma individualidade descriptiva e firme.

Não falto do drama, porque é um genero que vai decahindo por incompativel com as exigências realistas da época, que já vai se atrophinando como um orgão que se tornou imprestavel, inutil, sem funcção. Poder-se dizer que o naturalismo deu o ultimo golpe ao drama. Está pois explicada, creio, a razão de ausencia de uma obra prima d'arte na ultima camada da geração litteraria do Brasil.

Agora, porém, Martins Junior dá-nos uma nova produção saturado dos sentimentos das idéas que caracterizam a actualidade.

Occorre á critica o dever de dar o seu julgamento desapassionado e serio sobre a nova obra. - Esperemol-a.

Eu, porém, embora sem a minima pretensão a critico, não quero fugir-me ao prazer de manifestar as impressões que deixou-me a leitura do pequeno volume que sob o titulo de *Vizões de Hoje* publicou J. A. Martins Junior.

Primeiro que tudo o livro é declaradamente positivista da escola de Littré, os versos são francamente scientificos.

Disse que a moderna geração ainda não exhibira uma obra de vulto no dominio d'arte.

O livro de Martins Junior senão preenche a lacuna apontada é não obstante a mais seria-obra d'arte que ha publicado a geração a que pertence o autor, diga-se com franqueza, sem tolos receios de offender susceptibilidades.

Antes, porém, de entrar na analyse da obra vou a traços ligeiros examinar os precedentes poeticos do autor. Faz-se mister.

Martins começou lyrico. Era fatal isso sobretudo no meio em que abrolhara seu talento. Mas sua cerebração vigorosa, pujante, no meio desse entangnecimento angustioso, desse sensualismo requintado em que se estiolavam as aptidões, sempre se trahia por uma vibração energica, por um tom masculino que espontaneo ir-

rompia aqui e além em seus versos.

Nas suas primeiras poesias esparsas e perdidas em pequenos jornaes vê-se isso claramente. Faltava-lhe apenas um guia que o conduzisse aos arraiaes da poesia sã, que se nutre dos sentimentos bons, honestos.

Appareceu-lhe Gueira Junqueiro com a *Morte de D. João*.

A meu ver a *Morte de D. João* é simplesmente isto:—um poema que deslumbra a primeira vista por uma exuberancia de imagens atrevidas que atordoam o espirito; uma obra recommendavel por que significa um heroico esforço contra um meio asphixiante; mas sem novidade, incongruente, sem cohesão de idéas, sem elementos de vida. Nada mais.

Sobre tudo para nós aquella escola era uma velharia se bem que nem todos o comprehendessem assim a principio.

Tobias Barreto e Castro Alves nos haviam dado della os mais bellos *échantillons* e já se tinham ha muito calado.

Uma novidade, porém nos trazia G. Junqueiro—o ataque directo, franco, ineluctavelmente, ao romantismo.

Isso e a tradiçãõ ainda viva dos tempos gloriosos da poesia hugoana entre nós, explicam a popularidade, a adhesão expontanea e inedita que conquistou G. Junqueiro entre os mais bellostalentos poeticos da nossa sociedade.

Martins tambem deixou-se arrastar pela corrente. Aqui no Recife estava quasi só. Sofreu logo a malsinação dessa baixa critica que nós estamos costumados a ver ostentando-se em ridiculos esgares no rolapé dos pasquins. Chamou sobre si toda a mordacidade anonyma dos calbidas criticqueiros que enxameiam sempre nessas occasiões.

Depois quando appareceram algumas de suas poesias novas nas *Vigilias Litterarias* aguçou-se o zelo pharisaicos dos *soidissants* representantes do bom gosto academico.

E' de lastimar que nesse comico arre-

ganho da pequena critica inconsciente e nulla entrassem moços aproveitaveis, bons talentos como incontestavelmente o eram alguns daquelles que embuçados no anonymo escreveram esse folheto que por ahi corre sob o titulo de *Thesouradas Academicas* onde os rasgos de boa pilheria, de fino espirito e as observações sensatas de boa critica além de serem cousas raras estão de todo obscurecidas pelo fim pouco nobre a que visou o folheto.

Que a critica apontasse os defeitos, os erros, as quedas do autor era naturalissimo. Era até seu dever isso. Mas que o fizesse com coragem, com lealdade, nobremente.

Foi de certo um máo proceder esse de querer allogar no ridiculo os primeiros productos de um bom talento que se erguia.

Ainda bem que nesse triste empenho a critica de nossa academia do Recife esteve iso'ada.

Martins, porém, impoz se. O silencio fez-se nos arraiaes da maledicencia. O novo livro não encontrou logo ao sahir do prelo o ominoso murmuro que recebera as primeiras produções do autor.

O volume traz por titulo—*Visões de Hoje*. As *visões* são um poema scientifico vazado no molde das modernas concepções, firmado nos principios mais saos da sciencia do seculo.

O poeta em suas tres syntheses, a scientifica, a politica e a religiosa, traça em vôo rapido a marcha ascencional da humanidade seguindo através dos seculos a longa trajetopia da civilisação até penetrar no ultimo estadio—o do positivismo.

Mostra nos que o periodo do criticismo já passou e ensina-nos que hoje o esforço, a luta não devem mais vizar o alvo negativo da destruição e sim o alvo positivo a reconstrução social, que essa reconstrução só pôde ser operada de accordo com o determinismo das leis da sociologia contemporanea. D'ahi o facto republicano na politica, o alterismo na religião, o evolucionismo na moral.

O poema é, pois, um rebate chamando a postos os lutadores—os seres productivos. Quer o trabalho, o esforço, a luta, a dedicacão, o sacrificio para a grande reconstrução das opiniões e dos sentimentos que são as bases onde vai assentar o magestoso edificio do mecanismo social futuro.

A idéa fundamental é das mais soberbas, vê-se. Eis porque eu disse que o livro de Martins é a mais seria obra d'arte que ha publicado a geraçãõ a que elle pertence.

A acção negativa da metaphysica hoje é inutil, porque não tem mais objecto a que se dirija, e o que é inutil, segundo um profundo philosopho moderno, é prejudicial. Era urgente, pois, estabelecer as unicas bases possiveis da arte futura a que nos leva fatalmente este desejo do melhor, esse *instincto dinamico* para uzar d'uma phrase de Littré, que é dentro de nós como um agui-

hão á nos impellir para diante. Foi o que fez o novo poema de Martins e felo brilhantemente.

Aqui já o ideal de seu antigo mestre está abandonado, ficou para traz Guerra Junqueiro destruiu, Martins quer edificar.

Quer o trabalho e a produção; mostra-nos a pasmosa transformação que está effectuando a sciencia, positivando a politica, substituindo a fé revelada pela fé demonstrada; demonstra-nos necessidade de fazer a nosso paiz a applicação immediata dessas conquistas do espirito humano. De outro modo elle ha de morrer como os reptis, estendido no pó.

Resalta dahi a comprehensão que tem Martins Junior da poesia. Elle pensa com Littré que « toda a civilisação que muda de character, muda de belleza ». Elle entende que em pleno regimem scientifico a poesia deve ser scientifica para ser de seu tempo; que no verso ella deve discutir syntheticamente ou de uma forma ideal, como mais propriamente já foi dito, as grandes conquistas e os grandes problemas que agitam o dominio da sciencia.

E' essa, me parece, a comprehensão que deve ter o poeta de hoje de sua missão. Nobre e grandiosa é ella.

A poesia assim é como que uma vulgarisadora da sciencia, porque, fallando ao sentimento, emocionando, tem um dominio mais vasto que a sciencia pura que só pode fallar á razão preparada.

Na introdução das *Visões de Hoje* o poeta trava um dialogo com sua musa que vem excitá-lo para a luta.

Para mim é essa a parte do poema em que melhor impresso vem o cunho da potente individualidade do autor, a parte mais bella, mais imaginosa, mais atrevida.

Ouzo entretanto formular um desejo. Quando o poeta descreve o berço da nova musa, entendendo que seria melhor descrever a origem da poesia moderna, acompanhar a sua evolução desde o seu periodo embryogenico, até a sua luxuriantefloração na actualidade.

São de certo primorosos os versos que elle nos deu, mas se elle nos apresentasse a **poesia scientifica**, personificada em sua musa, presentida por Lucrecio, no poema *De natura rerum*, luzindo um momento no Fausto, produzindo a Legende des Liècles, accentuando-se em Akermann, etc., então além de primorosos, seus versos seriam reaes, então com mais propriedade elle poderia dizer:

Já vês, Musa, que eu sei a tua historia todá.

O mais está tudo bom, magnifico.

O estylo.  
Muita cousa se tem dito do estylo.

Buffon disse que elle era o homem e Bürger era o modo pelo qual um artista se distinguia, se *separava* dos outros, o que não é mais do que uma simples explicação do pensamento de Buffon, me parece.

(Continúa.)

### Vizões de hoje

J. J. Martins Junior—(sicife, 1881)  
(Conclusão)

De qualquer forma, porém, o estudo do estylo em uma obra d'arte é um dos mais attrahentes sobre ser um dos mais importantes.

Aquelle modo proprio, original de sentir, e de expressar, de ser impressionado pelos objectos exteriores e de traduzir essa impressão conforme a educação e o temperamento, conforme as influencias de raça, meio e momento para servir-me da linguagem de Taine, é que forma a individualidade do artista, que torna palpavel, saliente a sua superioridade.

Estudemos pois o estylo de Martins Junior.

Seu estylo phantasiado tem as ousadias da escola hugoana.

Suas primeiras produções tinham os atrevimentos, os exageros e as vezes até as extravagancias de Guerra Junqueiro. O estudo, porém, libertou-o dessa inclinação má. Já ahi ficaram abandonadas essas metaphoras por demais arrejadas (que um certo rigoris no caturra poderia chamar absurdas, de que a *Morte de D. João* está recheada)

Hoje Martins já tem um tom proprio, seu, no modo de expressar se: sente, impressiona se e traduz sua emoção de um modo distincto, *separado* dos demais.

Tem um estylo. E' energico, vivaz, elevado por imagens objectivas, tiradas do mundo externo, da natureza physica.

Isto está denunciando uma natureza pronunciadamente plastica como as soem ter os filhos do meio-dia, deslumbados pelos esplendores da vitalidade luxuriantefloração do meio physico em que vivem e que os circunvolve.

Esta obra, porém, é como que início do verdadeiro estylo de Martins Junior que com o correr do tempo, se irá naturalmente accentuando; não tem por isso a accentuação desejada.

Tem uma segunda parte o livro. Intitula-se *Outras Paginas*.

São tres as peças que compõem esta parte do volume: *A Emilio Littré* (depois da leitura de seu artigo: — *pour la dernière fois*); *A Historia*, meditação ampliada de uma poesia de Ruckert; e *Duas Epocas*.

A poesia a Emilio Littré, declara o autor, foi inspirada pela leitura daquelle commovente artigo *pour la dernière fois* — é a despedida que o illustre sabio, acabrunhado por uma enfermidade cruel e pertinaz, faz da imprensa ao retirar-se tão altamente elevada por elle e que tão altamente o elevava.

Aquelle profunda dor recolhita attrahe-se através do diaphano sendal de uma resignação heroica; aquella veneranda magestade do velho lutador que saudoso recolheu-se á tenda do reponso; aquella doce autoridade de um character inquebrantavel, sério sem ridiculos assomos; aquella nobre confiança da fé demonstrada que não desfalece á borda do tumulo, todos esses grandiosos sentimentos que reçutnam, como perfumes do artigo de Littré, eram de certo um forte motivo de inspiração.

Martins comprehendeu-o bem.

Provam-o de sobra aquelles masculos e sentidos versos que deu-nos. Bellissima poesia essa cujo valor carece agora que as previsões do velho sabio se realisaram; agora que a geração moderna perdeu um de seus mais poderosos directores intellectuaes. Bellissima.

As outras duas produções que fecham o volume em nada desmerecem desta.

Sempre a mesma imaginação fogosa, intrepida, brilhante; a mesma inspiração sadia, valente, ousada, o mesmo verso viril, energico, bronzeo.

C. BEVILAQUA.